

RODA DE MÚSICA: UM PROCESSO CRIATIVO COLETIVO

Andressa Dias Arndt – UNESPAR

Universidade do Estadual do Paraná

Kátia Maheirie - UFSC

Universidade Federal de Santa Catarina

SEMINÁRIO

Etnomusicologia 5970388 USP-RP

FFCLRP - Prof.Dr.Marcos C. de Castro

Discente Paula Elaine Sgobbi 12/09/17

COMUNICAÇÃO DA

FLORIANÓPOLIS 25-28 MAIO 2015

VII ENABET
encontro nacional da associação
brasileira de etnomusicologia



Andressa Dias Arndt – UNESPAR



Kátia Maheirie - UFSC



Resumo

- Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa-intervenção, de caráter qualitativo, em um Centro de Referência da Assistência Social – CRAS de uma comunidade localizada na região metropolitana de Curitiba. A proposta consistiu na oferta de um espaço para experiência musical coletiva aberta a comunidade. A idade dos participantes variou entre 58 e 77 anos. Os dados foram registrados em diário de campo; utilizamos também as informações de uma roda de conversa realizada com o grupo ao término do projeto e uma entrevista individual. Dialogando com saberes da Psicologia Histórico-Cultural, da Musicoterapia Comunitária, da Etnomusicologia e das obras do filósofo Jacques Rancière o objetivo foi investigar o que pode a música quando considerada uma construção humana, possível a todos, em uma experiência criativa coletiva em contexto comunitário. Analisamos que a música pôde ser mediadora no aumento da potência de ação dos sujeitos e também na reconfiguração das sensibilidades por abrir possibilidade de alterar o modo como os participantes eram vistos e ouvidos. Apresenta-se assim, um caminho possível de utilização da música com não músicos em contexto comunitário, a partir de um olhar sensível.

OBJETIVO

- Foi investigar **o que pode a música** quando considerada uma construção humana, possível a todos, em uma experiência criativa coletiva **em contexto comunitário.**

“Analisamos

- que a música pode ser mediadora no aumento da potência de ação dos sujeitos e também na reconfiguração das sensibilidades por abrir possibilidade de alterar o modo como os participantes eram vistos e ouvidos.”

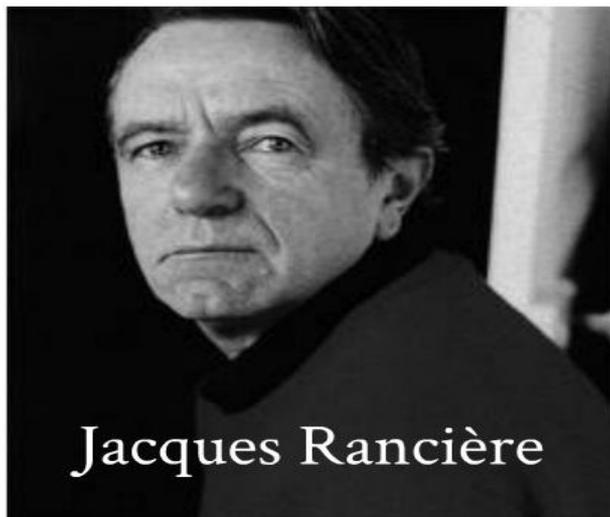
“Apresenta-se

- assim, um caminho possível de utilização da música com não músicos em contexto comunitário, a partir de um olhar sensível.”

Grupo Roda de Música



Jacques Rancière – Argel ,Argelia 1940



Segundo Rancière (2009b, p. 10) “existe sentido no que parece não ter, algo de enigmático no que parece evidente, uma carga de pensamento no que parece ser um detalhe anódino”. Assim, a linguagem musical não estaria também fundada em um tipo de dizível, movido pelo modo como se escuta, se pensa e (re)age?

“Em minhas primeiras aproximações com as leituras em torno do *sensível a partir do filósofo Jacques Rancière (2009a) fui sendo compelida a pensar em uma proposta de campo outra, que estivesse um pouco distanciada das previsibilidades, numa tentativa de evitar uma proposta teleológica*”.

- Para Rancière, a partilha do sensível é o partilhar de algo comum e concomitantemente, a restrição desse comum à algumas partes,
- *“O sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele se definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se fundem numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha”.*
(RANCIÈRE, 2009a, p. 15).

Lev Vygotski (1896-1934)



“Escolher participar da experiência da Roda de Música trouxe um desejo e uma necessidade, a necessidade de acreditar que éramos capazes e o desejo de desdobrar a experiência para outros setores da vida, *“é justamente a atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente.”* (Vigotski,2014, p.03)

Os encontros inicialmente consistiram em, explorações livres dos instrumentos musicais disponíveis:



MARACAS

Caxixi



Xequerê



Atabaques



Pandeiros, Violão.



- “Escolher participar da experiência da Roda de Música trouxe um desejo e uma necessidade, a necessidade de acreditar que éramos capazes e o desejo de desdobrar a experiência para outros setores da vida, *“é justamente a atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente.”* (Vigotski,2014, p.03)

- “ O exercício da imaginação e da criação coletiva **nos compeliu** a encontrarmos saídas novas para um desafio novo e ao mesmo tempo nos moveu a desejar criar ainda mais.
- Criar modos outros de sentir, criar formas outras de visibilidade, **criar novas maneiras de existência**, caracterizando assim uma experiência sensível.”

Consideração e Devires

- A experiência da Roda de Música evidenciou que há no fazer musical coletivo uma potência, apontando para que as ações realizadas em equipamentos socioassistenciais sejam pautadas em processos comunitários e ações coletivas. Considero que esta pesquisa será fértil se desdobra em um doutoramento que se concentre em intensificar as construções em torno dos aspectos técnicos e epistemológicos possíveis para reger um tipo de Musicoterapia Social e Comunitária, a partir do diálogo com a Psicologia Sócio-Histórica e demais áreas de conhecimento, que tenham a música como objeto de análise e trabalho.

- Certamente a Roda de Música me instigou a pensar em um tipo de Musicoterapia possível, em que os integrantes da comunidade são sujeitos de uma ação transformadora, onde a construção do conhecimento e a concepção da prática se dão em construção dialógica, participativa, a partir da experiência das pessoas, de suas percepções, suas histórias, suas produções.
- Até o momento, tenho compreendido a Musicoterapia Social e Comunitária como um tipo de prática que se insere para atuar com o cotidiano e no cotidiano da população com quem se trabalha.

- Os espaços sonoros criados são formas de escutar as vozes de sujeitos até então considerados subalternos por posições hierárquicas cristalizadas. Ao subverter a lógica dos que têm ou não sua voz validada, há a possibilidade de que o homem comum fale do que lhe é vivido, crie formas outras de se fazer ouvir, tensione o modo como é visto, escutado e sentido.
- De igual modo, aponte no coletivo, público e/ou comunitário, novos possíveis, novos sentires, pensares, novos devires no campo político.

Referências

- VII ENABET Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia – Florianópolis 25 – 28 de Maio de 2015 ; **RODA DE MÚSICA: UM PROCESSO CRIATIVO COLETIVO** *Arndt, Andressa Dias (UNESPAR) e Maheirie, Kátia (UFSC).*
- *WEB - Acessado 12/09/2017*
- <http://www.enabet-2015.ufsc.br/>
- https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1831737/mod_resource/content/0/Anais%20VII%20ENABET%20-%202015.pdf